

Manoel Geraldes da Silva
Rio-Frio

DOMINGO, 30 DE AGOSTO DE 1931

Numero avulso \$30 - ANO II - N.º 75

MONTIJO

Avançado

BIBLIOTECA MUNICIPAL
MONTIJO
CDU
REGISTO N.º
ESTANTE

Semanario Regional Republicano

de Propaganda e Defesa dos Interesses do Concelho de Montijo

Director e Editor
João Antonio Xavier Lopes
MONTIJO
Praça 1.º de Maio
REDAÇÃO
Propriedade
da
Empresa de Publicidade
do
MONTIJO
(em organização)

Toda a correspondencia deve ser dirigida á REDACÇÃO, Praça 1.º de Maio — MONTIJO — COMP. E IMP. Tip. ALBINO, Avenida Todi — SETUBAL

A TABERNA

Os homens vêm ao mundo impulsionados pela mesma força natural. A natureza não os distingue na sua atividade perpetuadora da espécie. Mas, uma vez em contacto com a vida, isto é, com o egoísmo torpe e a miséria social dos seus antecessores, cada qual toma um rumo diferente. Uns ascendem às estrêlas onde a sua alma atinge as culminâncias do sonho. Outros baixam até o esgôto da vida onde o seu cérebro se bestializa. Uns são alma, outros são lama. Uns são homens, outros são animais.

Quereis estabelecer contacto com os animais? Descei até à taberna, a escola do vício, a escola da bestialidade, a única escola que frequentaram desde pequeninos. Descei até à taberna se quereis estabelecer contacto com a miséria repugnante, com a desmoralização dos costumes. As consciências afogam-se em vômitos de vinho. As vidas consomem-se no fogo do álcool.

Não há brio, não há vergonha, não há senso não há a mínima parcela de educação. Educação! Como pôde esta palavra aflorar agora ao bico da minha pena? Lembro-me de que tendo entrado um dia numa taberna e ao ver tanto cérebro argamassado com lodo, tentei incendiar aquelas consciências atirando-lhes alguns fogaços do meu sonho. Falei-lhes de coisas que me pareceram interessar-lhes. Eles escutavam-me, embevecidos, como se me compreendessem muito bem. Ao fim de pouco tempo já alguns ressonavam. As minhas palavras foram apenas um canto suave que os embalou. Não as compreenderam. A-pesar dos esforços que fiz para reduzir o meu vocabulário ao mínimo não consegui interessar as suas consciências petrificadas.

Não conhecem uma palavra, não compreendem do que existem. O seu mundo é apenas a taberna e só conhecem a eloquência dos copos de vinho. São a ralé.

Essa ralé não teve educação; não pode portanto ter um cérebro para pensar. Tem ainda álcool com fartura para entupir a inteligência inata. Com que autoridade se pode exigir a estes miseráveis a responsabilidade dos crimes cometidos?

Regionalismo e República

Convencionou-se chamar regionalismo a um maior bairrismo desenvolvido que ocupasse, não já uma vila ou uma cidade, mas uma região de caracteres bem definidos e duma psicologia *sui generis*. Uma como amalgama de interesses duma parcela, que progressivamente se reflita no desenvolvimento total dum país.

Dir-se-ia o aperfeiçoamento do individuo como pronúcio ou ante-câmara do aperfeiçoamento da colectividade.

Certo que, quanto mais progredirem as localidades e as regiões, mais progride a nação nas suas variadas riquezas e na maior e mais constante soma de bem-estar e prosperidade dos seus cidadãos.

Sendo, portanto, uma bem caracterizada tendência para um melhor futuro social, está muito bem colocada adentro dos princípios e dos ideais republicanos. Essa tendência, esse movimento, chamemos-lhe assim, não data de hoje, nem de há cinco anos.

A República sempre, mais ou menos, lhe dedicou suas atenções e seus desvelos, consoante as posses e as finanças lho permitiam, ainda que enovelada naquela maquiavélica máquina burocrática que todos nós bem conhecemos.

Nesta consecução de idéias, entendo que todos os republicanos devem apoiar e aplaudir agora mesmo qualquer melhoramento, qualquer sintoma progressivo, porque de contrário iriam até de encontro a tudo quanto se apregoou e se defendeu. Eu bem sei que muitos desses melhoramentos encravam por muito tempo a roda das receitas e das economias financeiras que os promoveram; e de tal forma que no porvir terá que haver um trágico compasso de espera, como a convalescença duma mórbida endocardite, possivelmente incurável. Mas, desde que o melhoramento seja indiscutível e produto duma orientação esclarecida e racional, teremos que reconhecer o sacrificio como uma coisa inevitável, tanto mais que se fez logo o que mais tarde teria de se fazer. Ganhou-se ao menos na rapidez que é no momento actual dos povos, a forma-relâmpago da vida moderna.

Por tôdas estas razões e motivos, tenho vindo com a minha modesta pena aplaudindo e incitando aquela força que ora desponta nesta terra, filha, sem dúvida, da tendência geral e da ânsia humana de progredir permanentemente.

Não me arrependo e assim continuarei, como ontem e como sempre. Uma coisa desejo, no entanto, acentuar, não vá alguém tirar conclusões erróneas provenientes desta minha maneira de pensar e de agir.

Por assim pensar e assim proceder, não abdicó nem abdicarei um milímetro sequer, dos meus ideais de sempre. Neste campo, o meu espírito intransigentemente republicano mantém-se íntegro e intemerato; e se de alguma evolução for susceptível, será sempre no sentido cada vez mais avançado.

Pode alguém ter pensado ou julgado que, pelo facto de defender o maior progresso desta terra e enaltecer os melhoramentos que têm chegado em última análise, eu teria mudado na minha maneira de sentir, numa transigência que seria vergonhosa em todo o meu passado de republicano. Não. Se houve alguém que o pensasse, desiluda-se. Nesse terreno eu continuo sendo irreduzível, mas tam-

A TABERNA

Mas a ralé não nasceu assim, não veio ao mundo feita daquela matéria. Aquela ralé veio ao mundo tal como eu vim. Foi a sociedade que fabricou aquilo. A sociedade é a única culpada da existência daqueles animais. É ela a verdadeira responsável pelos crimes que eles cometem.

E bem sabeis porquê. A sociedade criou a taberna para atirar para dentro dela a miséria que lhe repugna, como quem atira para o estrume um farrapo apodrecido. A taberna é o esgôto da vida.

Não é ela por isso que dá origem à podridão das consciências, pela mesma razão que as defecções não nascem dentro dos canos de esgôto. A taberna é assim porque atiraram para lá a miséria. E a miséria em contacto com a miséria gera a hediondez.

Essa hediondez é o factor poderoso para a degenerescência da Raça. O nosso idealismo estabelece contacto com ela e recua atemorizado. Como se pode realizar o aperfeiçoamento da sociedade?

Tôda aquela gente representa a morte da geração. É preciso por isso que as novas gerações saiam fora da sua convivência. É preciso que as crianças sejam retiradas para bem longe dos seus berços de miséria, isto é, das suas caminhas de farrapos, e afastadas do convívio do vício de seus pais. Deve ser sacrificado o direito de família para edificação do direito da colectividade.

Precisamos de arranjar uma Raça em vez dum aglomerado de tribus. De contrário a humanidade terá de caminhar como sempre, com uma escala social que vai do sublime, representado pela alma dos artistas, até à animalidade, representada pela desgraça que hoje tomba aí a cada canto por entre gargalhadas de loucura e vômitos de vinho.

bém continuarei irreduzivelmente dando o meu humilde esforço para que caminhemos, tanto mais que já não é nada cedo. Creio que desta forma ficaremos entendidos.

Alvaro Valente

Regulamentação do transito

Recebemos a seguinte carta:

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal *Montijo* — Tendo lido nos ultimos numeros desse jornal duas locais sobre a regulamentação do transito nesta vila, vimos por este meio protestar contra certas afirmações que as mesmas contem, pois não é verdade que os «chauffeurs» desta praça andem em carreiras desordenadas a ponto dos transeuntes estarem em risco de «morrerem vestidos». Gostaríamos de conhecer o autor das referidas noticias — se acaso é criatura com coragem precisa para se mostrar — para o convidarmos a vir dar uma volta pela vila, ao Domingo, a ver se somos nós que pomos em perigo a vida do publico ou, pelo contrario, se é este que nos obriga constantemente, pela sua falta de educação cosmopolita, a atirar com os carros para fora do transito indicado pela lei.

Estamos de acordo com a regulamentação do transito nesta vila, mas não podemos suportar a injustiça de certas afirmações menos verdadeiras que veem ferir profundamente o nosso orgulho profissional no meio da serie de dificuldades que um «chauffeur» já hoje tem para desempenhar honrosamente a sua humilde profissão.

Agradecendo a publicação desta so nos com consideração de V. etc. pelos «chauffeurs» da praça de Montijo, *José Maria da Guarda* e *Daniel Ribé Gil*.

NOTA DA REDACÇÃO

Estamos aqui apenas no cumprimento dum dever que é a defesa dos interesse do povo e não no proposito de atacar pessoalmente quem quer que seja. Nas nossas locais não agredimos A, B ou C. Limitamo-nos por isso a constatar, duma maneira geral, o aspecto do problema do transito. Não queremos negar que os signatarios desta carta andem pela rua com as devidas cautelas. O facto, porem de se solidarizarem con. todos os «chauffeurs» torna-os cúmplices das correrias desordenadas que temos presenciado e que pretendem negar. Não queremos estampar nestas columnas os nomes daqueles que assim teem procedido, porque já dissemos que não atacamos pessoalmente quem quer que seja. Nós mantemos as nossas afirmações e mais esta: já se teem alugado de noite carros para marcharem com a velocidade maxima, estrada de *Ata'ia* fora. E ha «chauffeurs» que consentem nisso.

Com respeito á referencia feita ao autor das locais, somos a dizer que elas são da responsabilidade exclusiva da nossa redacção, sobre os segredos da qual não temos que dar satisfações a ninguem. Os nossos redactores só respondem perante os juizes competentes. E' por isso que o autor das noticias não tem que se mostrar, e não porque tenha medo que os «chauffeurs» lhe deem açoites. Guardem a «coragem» para si, porque nós, cidadãos pacatos, não tencionamos



Jardim antigo. Outono. Consciência em tudo. Estátuas entre a ramaria. Folhas Vermelhas. Tarde já sombria. Muros vestindo de hera. Calma. Ausência.

Cai a folhagem sôbre a areia. Vence-a, implacavel o tempo. E a aragem cria ligeiras rugas na espelhante e fria superfície do lago. A transparência

harmoniosa do ceu; a quietação da penumbra; a subtil coloração do horizonte; o silêncio; a suavidade;

juntam-se aqui — enquanto pelas ruas de azulejos e buxo, há pouco nuas, passa agora, sonâmbula, a Saudade.

Arminda Gonçalves.

ir lutar com os gigantes á maneira de D. Quichote. Para finalizar diremos que, se o povo, como dizem na sua carta, não teem educação cosmopolita, os signatarios não teem educação jornalística, pois exigem que se assinem os assuntos puramente noticiosos.

BOMBEIROS

Não sei já ha quantos meses os entusiastas da Associação de Bombeiros Voluntarios desta vila, deixaram de carpir suas maguas em face do definhar da mesma corporação.

Gente sem coragem, gente sem fé, em breve os invadiu o desanimio.

Isso não é proprio de quem despreza a vida em defesa do seu semelhante.

Ouvi e dissei-o ao povo do Montijo, que a dois passos da nossa terra, nessa florescente e já hoje consideravel vila do Barreiro, onde existem duas corporações de Bombeiros Voluntarios cujo valor é já muito respeitavel e cujos serviços são gabados até alem fronteiras do concelho, Barreiro, como lhes ia dizendo, acaba de fundar com o auxilio do povo, mais uma corporação, o Corpo de Salvação Publica do Barreiro, que em meia duzia de dias e só com o auxilio do povo, já adquiriu um carro e continua ininterruptamente a recolher donativos que o mesmo povo com toda a sua boa vontade continua a entregar-lhe.

Dizei-lho sim, mas com brandura, com aquela convicção que vos deve ser familiar, que se este bom povo encarasse bem quão valiosa lhe pode ser a vossa corporação, desde que esteja bem provida e bem adestrada, não deixaria por certo de vos auxiliar, socor-

rendo a corporação onde vos alistastes.

Mas dissei-lho com brandura, sem arrogancia, sem enfatuamento, tão somente como quem tem a certeza absoluta de que presta um bom serviço desde que lhe emprestem forças para o desempenhar.

E vós outros, continuando nessa cruzada de *bien faire* vereis os vossos esforços coroados, não pelo conseguimento de verdes a vossa corporação com fardas de gala e punhos de veludo á alemã, e com a sua charanga á inglesa, mas com uma situação desafogada e consequentemente em condições de vos fazerdes lançar ao perigo sem receio de ficardes vencidos.

Avante, pois.

C. L.

AS RUAS

Chegaram finalmente ao Largo das Palmeiras, inumeras carroçadas de pedra, que nos informam se destina ao calcetamento das ruas desta vila, beneficio porque as mesmas ha já um ano que esperavam que chegasse o verão para se fazer.

Esse calcetamento e a rede de esgotos, vão pois ser concluidos no verão... que ha-de vir.

O preço da carne

Ao contrario do que dissemos no nosso ultimo numero, o preço da carne sofreu baixa, não sendo por conseguinte estabelecido o regimen de preço por classes.

No sabado, 22 do corrente, perdeu-se uma borraça para vinho, da estação do caminho de ferro á rua Machado dos Santos. Pedese a quem a encontrou, a fineza de a entregar ao chefe daquela estação.

As festas em Canha

E' com bastante magua que falo das festas de Canha, pois tenho que dizer verdades, que são bem amargas a quem elas são dirigidas.

Preferiria falar delas com gosto, com prazer, mas infelizmente não posso.

E não posso porque não sei fingir, pois tenho por lema a franqueza e a lealdade, doa a quem doer.

Referir-me-ei em primeiro lugar á recepção que fizeram no dia 22, á Sociedade Musical Capricho Setubalense, que devido a um atrazo que teve em Pegões, por as cancelas se encontrarem fechadas, o que deu origem a que chegasse um pouco tarde. A recepção foi uma coisa brilhante que Canha fez aos seus visitantes, digo: *seus servos*, pois só assim se depreende pela forma como foi recebida. Meia duzia de foguetes a que um homem deitava fogo, um homem qualquer que provavelmente a mui digna comissão encarregou de nos dirigir, porque essa não apareceu a receber os *musicos* talvez por estarem assistindo á «ladainha». E como aquele gente pronuncia a palavra *musicos!* Como se o musico fosse qualquer coisa de somenos importancia na Sociedade, indigno de ser olhado com carinho, abnegação e respeito!

Como essa gente se encontra obsecada pelas leis da Igreja, que não puderam abandona-la para ir receber um nucleo de homens que se esforçam por ser amadores da musica!

Emfim, se fosse só isto não ficavamos mal.

Fomos para o coreto. Toda a gente dava ordens sem se saber quem era a comissão. Terminou o concerto porque alguém mandou e uma vez fora do coreto, no chão, veio então um sujeito com ares de importancia, dizer que era da comissão e que ainda faltava fogo para queimar, e, que ainda não tinha dado ordem para terminar o concerto. Foi então que se conseguiu ver um membro da comissão.

Subimos ao coreto e tocamos mais dois numeros. Depois dirigimo-nos para uma casa defronte do coreto afim de tomarmos uma pequena refeição, como combinado, sendo-nos apresentado chá e bolos baratos, isto depois de estarmos a tocar das onze da noite até ás tres da manhã. Comeram e beberam uns, outros não. Na casa que nos destinaram para dormir encontramos colchões e cobertores sem um lençol nem um travesseiro para deitar a cabeça. E assim passamos umas horas uns por cima dos outros, por as camas serem insufficientes para 40 homens. De manhã não nos podemos lavar porque não havia aonde. A alimentação foi tão abundante, que a carne que sobrou do almoço deitaram-na no jantar, mas tudo mal confeccionado. Digo-o abertamente porque não pude comer coisa alguma.

Estou maguado e como faço parte da Banda da Sociedade, não posso fazer outra reportagem.

Miguel Miranda.

Montijófilo

Encontrei há dias, em Lisboa, o meu velho amigo Anastácio Peludo, companheiro dos tempos do bródio, que já não via há bastantes anos.

— Olá, rapaz! exclamei. Há que tempos que não te via!

— Que agradável surpresa! exclamou ele por sua vez. Ora venha de lá esse abraço, ó seu Aldeia Galega!

Era assim que ele me tratava nos velhos tempos. Eu, porém, já modernizado, isto é, já montijado, furtei-me ao abraço do meu velho amigo, recuei, com a minha sensibilidade ferida, e olhei em volta, cheio de terror, não estivesse por ali perto o sr. Loureiro.

— Que tens, homem? Que mosca te mordeu? Estás com cara de lebre perseguida!

— Nada; não é nada. Mas pelo amor de Deus não me tornes a falar assim. Não sabes que a minha terra se chama agora Montijo?

— Ah! é verdade! esqueci-me disso. Desculpa-me se te ofendi.

Reconciliamo-nos. Aquele pequeno incidente veio tornar mais profunda a nossa amizade. Desfiz-me em atenções. Convidei o meu amigo a vir visitar a terra.

— Como há-de isso ser, homem! perguntou-me ele.

— Nada mais simples. Vais ao Terreiro do Paço, embarcas no vapor «Montijo» e tiras bilhete para o Montijo. Depois não faltam divertimentos. Uma vez no Montijo podemos ir no «Montijo» até ao Montijo ver os pequenos ao banho. Quando te cansares de ver o Montijo, metemo-nos outra vez no «Montijo» e voltamos para o Montijo.

— Que tremenda confusão!

— Não há confusão nenhuma. É uma questão de hábito. E olha que toda esta obra admirável se deve apenas ao Montijo.

— E' claro... deve-se à propria terra.

— Qual terra nem meia terra!

— E' então ao vapor «Montijo»?

— Não. Refiro-me ao jornal Montijo. Foi ele que fez a campanha.

— !?...

— Não imaginas o que por lá vai — continuei eu entusiasmado. Já há verba para se construir a estrada do Montijo para o Montijo. E logo que a estrada esteja construída já temos carros a toda a hora do Montijo para o Montijo e do Montijo para o Montijo. A questão é o director do Montijo decidir-se a fazer a propaganda. Quem há-de, porém, gostar disso são os donos do «Montijo» porque já não há ninguém que vá do Montijo para o Montijo pelo canal do Montijo.

Nesta altura da conversa íamos a passar em frente duma montra do Rocio.

— Montijo! exclamei eu, num grito de espontânea alegria, puxando por um braço do meu amigo.

— Aqui também? balbuciou ele aterrado.

— Sim, anda cá ver. E' a planta do Montijo que o sr. Loureiro

mandou fazer e que está em exposição.

O meu companheiro olhou para a planta com um olhar vago. Eu demorei-me longo tempo a explicar todos os detalhes. Depois continuamos o nosso caminho. Ele deixava-se conduzir pacientemente, escutando a minha conversa que seguiu nos mesmos termos.

Quando íamos a passar na Praça dos Restauradores, o meu velho amigo olhou, por acaso, para o monumento, e, ao ver nele escrita a palavra Montijo, esgazeou os olhos espavorido e abalou desordenadamente pela Avenida da Liberdade acima.

O meu pobre e velho amigo Anastácio Peludo está hoje internado num quarto particular de Rilhafoles. Perdeu o uso da fala, sabendo apenas balbuciar a palavra Montijo.

Zé do Montijo.

Vae victis!

Vae victis! (Ai dos vencidos!) Tais foram as palavras exclamadas por Breno, célebre comandante gaulês, ao lançar na balança a sua espada, no momento em que os romanos lhe recusavam uma soma ajustada.

A vida tem sido sempre o desejo constante em atropelarmos o nosso semelhante e regosijarmos-nos depois ao vê-lo esmagado e vencido aos nossos pés.

Neste planeta não ha vida (entendo aqui por vida o fenomeno inviolavel e sagrado da existência) mas sim egoismos, vilanezas e hipocrisias.

Esta máxima que retenho na memória, mas que ignoro o seu autor, ajuda-me a continuar este artigo: «Neste mundo de atrocidades quem não atropelar os outros será por eles atropelado».

Recordai comigo as contrariedades e sofrimentos por que tem passado os vultos proeminentes da historia da humanidade.

Levarei até aos vossos olhos, o nome de alguns homens célebres, para recordar-vos o que tem sido a vida atravez de tantos séculos: Sócrates, o sapientissimo filósofo, mestre do divino Platão, foi condenado a beber cicuta.

Galileu, por ter descoberto que a terra se movia, foi torturado pela Inquisição.

Lutero, foi excomungado, por ter levantado um protesto contra as devassidões de Roma.

E'squines, um dos mais ilustres oradores da antiga Grécia foi obrigado a exilar-se.

Arquimédes, o grande fisico e matemático, foi morto por um soldado.

Fulton, que demonstrou poder aplicar o vapor aos navios, foi julgado como visionário.

Jesus Cristo, o apóstolo da democracia, foi crucificado e perseguido como um salteador.

Viriato, o famoso general lusitano, foi morto num banquete.

Képler, um dos maiores astrónomos do mundo, viu a sua biblioteca sequestrada pelos jesuitas.

Geordano Bruno, foi queimado, por ter erguido o seu grito á liberdade.

Camões, o imortal cantor dos nossos feitos gloriosos, morreu na miséria.

Victor Hugo, o génio mais fulgurante do século XIX, foi obrigado a exilar-se, etc.

Durante os dois séculos em que funcionou no nosso paiz a Inquisição, queimaram-se quasi 2000 pessoas e condenaram-se a vários suplícios mais de 25.000.

Hoje os grandes químicos inventam reagentes capazes de aniquilar centenas de pessoas por minuto, e, os portentosos engenheiros constroem verdadeiros monstros flutuantes, que ao erguerem-se do seio das ondas a vomitar metralha, destroem tudo na sua passagem.

A natureza caprichosa tem feito brotar dos humildes, os mais limpidos cérebros:

Demóstenes, o maior orador da antiguidade, era filho dum ferreiro.

Franklin, o célebre fisico, era filho dum vendedor de sabão.

Balzac, o insigne romancista, era filho dum mecânico.

Virgilio, o príncipe dos poetas latinos, era filho dum estalajadeiro.

Viriato, antes de chegar ao comando supremo das hostes lusitanas, foi pastor.

Edison, o imortal inventor do fonógrafo, foi vendedor de jornais.

Napoleão I, começou num posto inferior, o lugar que o devia de conduzir ao trono, etc.

Todos estes grandes vultos tiveram, igualmente, de viver num turbilhão perpetuo de agruras e contrariedades.

Qual de nós, recordando estes nomes não nos sentimos vivamente impressionados e não lhes dedicamos a nossa simpatia e repelimos cheios de opróbio os seus vis inimigos?

Há neste momento, milhares de lares em que homens, mulheres e crianças morrem de fome.

Por toda a parte se nos deparam homens moribundos, arruinados, de membros anquilosados e mal equilibrados, que exgotaram as suas faculdades estéticas e morais pela incessante luta da Vida.

Veem-se operários consumindo todas as suas energias, sob as prepotencias dos seus patrões, para ganharem o magro e insufficiente salário para manterem a sua vida cheia de espinhos.

Esses operários, enchem os cofres dos seus opolentos carrascos, com uma resignação sacrosanta.

Vêem-se na prostituição, criaturas que outrora foram belas e que vêem paulatinamente dissipar-se-lhes a beleza, a vivacidade, os encantos e atrativos, acabando por conseguinte, as suas vidas desoladoras, numa atmosfera gelada e sem carinho.

«A vida é uma luta brutal» disse Tourgueneff.

Alfredo Oliveira.

Ação Regionalista

NOTA OFICIOSA

As cores da bandeira municipal bem como o seu brasão, foi unica e exclusivamente da autoria da secção de Heráldica da Associação dos Arqueologos Portugueses, limitando-se a actual comissão administrativa a aprovar e perruihar o seu parecer; identico procedimento teve quando da escolha do nome pelo falecido Ex.^{mo} Sr. Dr. Silva Teles.

O presidente do municipio, *Carlos Hydalgo Gomes de Loureiro.*

AGRADECIMENTO

Leonor Jesus Pereira Combolas, seus filhos e mais familia, agradecem muito penhorados, por este meio, por lhes ser impossivel faze-lo directamente, a todas as pessoas que acompanharam á sua ultima morada seu marido e pai, cujo funeral se realizou no dia 5 de Julho, para o cemiterio desta vila. A todos prestam o seu eterno reconhecimento,

Este numero foi visado
pela Censura.

VENDEM-SE

Dois r/c, dois primeiros andares e duas casas abarracadas.
Tratar na R. Central, com Gabriel da Silva Dias - Montijo.

ADEGA

Arrenda-se com vasilhame para 125 pipas e caldeira.
Trata Viuva Relogio - Montijo.

VENDE-SE uma fazenda composta de terras de semeadura, vinha e arvores de fruto, no lugar de Fôro da Vergonha. Tratar com viuva de Antonio Belo, Montijo.

VENDEM-SE ou arrendam-se umas fazendas no sitio do Mupique, e um predio de azulejo com os n.ºs 35 e 37, na rua Machado Santos, nesta vila.

Trata-se na rua Almeida Brandão, n.º 10, rez-do-chão, esquerdo, Lisboa.

DINHEIRO

Sobre propriedades urbanas e rusticas, empresta-se a 10^o/o. Amortização á vontade dos clientes. Dirigir a Alvaro Avelino Serra, R. Miguei Bombarda - BARREIRO.

COSTUREIRA

Em sua casa e em casa dos clientes, executa fatos para senhora e roupas brancas pelos ultimos figurinos.
Tambem executa quaisquer trabalhos de roupas brancas para homem. Nesta redação se diz.

Vendem-se por preços convidativos, 8 toneis de 4 a 8 pipas, 1 prensa, caldeira de destilar, cascós, 2 balanças, 2 tararas para limpar milho, 1 fardadeira, 1 trilho, 1 charrueco de ferro, 100 comedouros grandes para gado suino, 1 cofre, 1 trem alentejano, 1 charrueco, 2 automoveis marca Belorel e Ur-seller. Tudo está exposto na R. do Quartel, Montijo.

CARRINHO PARA CRIANÇA

VENDE-SE em bom estado, com capota e rodas de borracha, na Travessa do Colegio, 1.º E., por cima da mercearia Perola da China - Montijo.

MERCEARIA ECONOMICA

DE
Antonio Gil de Matos

Rua Machado Santos, 49 - MONTIJO
(Frente á Misericordia)

Especialidade em chás, cafés, vinhos do Porto e licores

O maior sortido em generos alimenticios da melhor qualidade e que vende aos preços de maior concorrência em Lisboa

Manteiga Ferreirinha . quilo 17\$00

VISITEM ESTA CASA

Royal H. Pensão

Recebe comensais desde 250\$00

Semanais..... 50\$00

Diarias..... 8\$00

Serviço de Restaurant á Portuguesa
e á Francesa

CAFÉ-BAR
MONTIJO

Latino dos Santos Garrido

(em frente da adega de Jacinto Ramalho)

Ferragens, Quinquilharias
e meudesas

Tudo ao preço das fabricas
Não comprem sem confrontar
os seus preços

Rua França Borges
MONTIJO

CHAPELARIA DA MODA

Rua Afonso Pala
MONTIJO

A unica casa especializada no genero,
com officina propria anexa para o fabrico
de chapéus por medida, concertos e
transformações, em todos os formatos.

O nosso artigo não tem concorren-
tes, não só pelo grande STOK de cha-
pelaria, camisaria e gravataria, como
tambem pela qualidade e apresentação
do nosso chapéu, que desafia toda a
concorrência :: :: :: :: :: ::

CALÇADO

para
Homem, Senhora e Criança
os mais recentes mo-
delos e cores da
moda

CHAPEUS DE PALHA A 17\$00
Chapéus de feltro em preto e côres
DESDE 18\$00

Camisas de fina popeline
DESDE 21\$00

Camisas de bom oxford inglez
DESDE 19\$50

IMPORTANTE

Todo o cliente que
comprar um cha-
peu na nossa casa
fica com a garan-
tia de o mandar
passar a ferro na
nossa officina sem-
pre que necessite.

PEROLA AFRICANA

DE
JOSÉ CARVALHO

Completo sortido de Mercearias,
Azeites, Cereaes e Legumes

PREÇOS SEM COMPETENCIA
DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Rua França Borges, J. C.

Rua da Barrosa

MONTIJO

Consultorio Cirurgico Dentario

R. Machado dos Santos
MONTIJO

Clinica de doenças da boca e dentes.

Dentaduras completas e parciais.
Coroas em ouro e platina. Obturações
e dentes a pivot. Concertos rapidos

CONSULTAS ás:

Terças-feiras, quintas e sabados.

Aos Comerciantes

Façam os seus pedidos directamente
ao fornecedor, **EUZEBIO DE OLIVEIRA**,
Rua Garcia da Horta, 59-3. Lisboa, de
calçado de piso de borracha, piso de
corda, vira de anta, em carneira e lona,
aos melhores preços do mercado.

Desconto de 5 a 10,0/0 nas vendas.
As encomendas serão imediactamen-
te atendidas.

José Luiz Carneira

Praça da Republica e Rua Almirante Reis

MONTIJO

Secção de Chapelaria

completamente organizada

PREÇOS DE RECLAME! — COLOSSAL SORTIDO!

Desde o chapéu economico ao fino chapéu Austriaco
Todos os modelos — Côres da moda

PROCURADORIA

Trata de todos os pleitos judiciaes
e de todos os assumptos nos Tribunais
e Repartições

INVENTARIOS

Legalisação e obtenção de quaisquer
documentos.

Cobrança de Dividas.

Administração de propriedades.
Habilitações.

Recebimento e pagamento de rendas

Lopes & Oliveira Santos

Travessa do Tribunal

MONTIJO

Dr. F. M. d'Oliveira Santos

Advogado

MONTIJO — Travessa do Tribunal
LISBOA — R. Nova do Almada, 36-3.º